







GALERIAS COMERCIAIS: NÃO-LUGARES URBANOS

1. ANÚNCIO: Próximo dia 31 de janeiro, 21H30 no centro Comercial STOP, Rua do Heroísmo junto ao cemitério do Prado do Repouso, a APRUPP <http://aprupp.org/>, Associação Portuguesa para a Reabilitação Urbana e Protecção do Património organiza uma tertúlia dedicada ao tema das galerias comerciais e centros comerciais que existiram/ainda existem e que actualmente definham/desapareceram de todo da paisagem urbana do Porto “ Vida e Morte dos Pequenos centros Comerciais”.

2. VIDA. Por mim, nascido em 75, ou seja, criado nos anos 80, a memória bem viva é a de adolescente ávido do consumo parolo e fixe das galerias e centros comerciais, *trocós e peanuts*, ir ao Sirius, ir ao cinema ao Foco, ao Lumiére, ao Pedro Cem, ao Stop, ao Brasília, ir vêr os Punks à entrada do Dallas... - *“Altamente, um prédio espelhado...!”*. Depois espreitar as novidades do Rambo/Rocky e do Schwarznegger/Comando nos video-clubes (nem sequer tinha tv a cores em 85, quanto mais video...), lanchar qualquer coisa mais “fast” e menos “food”, comprar chiclets e bollicao... *“experimentar o desenvolvimento”*, portanto...

3. ARQUITECTURA. Como intervir com Arquitectura em Galerias Comerciais? – Há alguma entidade, pública ou privada eventualmente interessada em intervir Arquitectonicamente em galerias Comerciais mortas ou moribundas, reabilitando-as?.. e com que programa/alianças? Com que relação existente/inexistente com a rua onde todos passam e ignoram a galeria? Ou transformando-as radicalmente com outra qualquer idéia? E qual seria esta idéia, neste “tempo dos credores” em que o Estado clama que não tem dinheiro (!), os privados idem aspás (!) e a “sociedade civil” também (temos a certeza, ao caso). E o Porto, uma imensa galeria comercial deserta de habitantes no centro e lojas a fechar. Havendo intervenção possível, quais poderiam ser os seus parâmetros “legais”? Isto é: Aplicar-se-ia na reabilitação/intervenção neste tipo de loteamentos comerciais do séc.XX a mesma hiper-legislação europeia/séc.XXI relativa a acessibilidades, térmica, acústica, etc...Capaz portanto de se manifestar de impossível aplicação prática, dado os pés-direitos baixos, a estreiteza de acessos horizontais e verticais, por ex? O mesmo problema /excepção e regra / “caso-a-caso”ismo que transformam por vezes a reabilitação de edifícios do séc.XVIII / XIX num calvário legal cuja opção última é por vezes a exclusão, por “ilegal” da Qualidade do próprio Projecto de Arquitectura?...No STOP houve, tanto quanto julgo saber, uma ocupação gratuita dos espaços por parte de grupos e bandas de garagem. Talvez uma pista para um futuro necessariamente “no-cost” para quantos cada vez mais possuímos “no-money”.

4. POLÍTICA. Aplica-se para efeitos de Crítica Social a este “caso” de infraestruturas Urbanas o mesmo que se aplica a todos os outros inúmeros casos (regra) de intervenções do Capitalismo Imobiliário. Não há nunca “planeamento/planificação”, isso é/foi um pecado “soviético” ou uma incapacidade/impossibilidade dadas as regras económicas...E portanto o que “foi já não é” e “ o que é já não será”. O Capitalista é a criança mimada que agora só quer este brinquedo com toda a vontade; daqui a 5 minutos deita o camião fora e brinca com o boneco com toda a vontade; e depois deita-o fora, e depois o avião...e depois deita-os fora também... E entretanto, o camião, o avião, o boneco, o centro comercial moribundo, tudo foi deitado fora. A cidade é/foi o palco do mesmo consumo de construir/impermeabilizar em massa habitação e shoppings (e crédito o mais possível e sem sustentabilidade) ...Por fim, abandonar, passar a outro “modelo de negócio” / deixar o lixo para o Estado, o abandono para todos, os devolutos e escombros sem solução a acumular-se. “Quem vier assegurar que reabilite..”. / Que “O capital não tem pátria” já o sabemos, mas a vida da “sociedade civil” é para se viver aqui, agora, todos os dias e nesta cidade.

Foto: Galeria comercial Sirius - Rua 5 de Outubro